

ANÁLISE DE UMA ENTREVISTA UTILIZANDO O MÉTODO QUANTITATIVO, A ATUAÇÃO LEXICAL E O REFERENCIAL BAKHTINIANO COMO AUXÍLIO NO ENTENDIMENTO DE UM DISCURSO

Analysis of an interview using the quantitative method, the lexical performance and the bakhtinian reference to aid the understanding of a speech

Walter de Oliveira Paulo

Doutorando em Ensino de Ciências pela USP
Docente do IFRR/*Campus* Boa Vista

Cristiana Cilene da Silva Ferreira Paulo

Licenciada em Pedagogia pela UFRR
Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Boa Vista-RR

RESUMO

O artigo tem o objetivo de introduzir uma ferramenta capaz de auxiliar na análise de uma entrevista aplicada a um docente da Universidade de São Paulo - USP. Para a condução do processo fez-se uso do método quantitativo combinado com a atuação lexical. Assim, palavras entendidas como significativas nas enunciações do entrevistado foram categorizadas e analisadas à luz do referencial bakhtiniano que contribuiu de forma relevante no entendimento do discurso.

PALAVRAS-CHAVE:

Entrevista. Quantitativo. Lexical. Bakhtiniano.

ABSTRACT

This study aimed to introduce an auxiliary tool to assist in the analysis of an interview applied to a teacher at the University of São Paulo - USP. The process was conducted using the quantitative method combined with the

lexical performance. Thus, words understood as significant in the respondent's utterances were categorized and analyzed in the light of the bakhtinian reference that significantly contributed to the understanding of the speech.

KEYWORDS:

Interview. Quantitative. Lexical. Bakhtinian.

INTRODUÇÃO

Uma das maneiras de conhecer uma pessoa, o que ela pensa e saber sobre seu(s) posicionamento(s) em relação a determinado(s) assunto(s) da vida cotidiana é sem sombra de dúvidas, por meio do diálogo com esse indivíduo. Às vezes, o tomar conhecimento de certos posicionamentos, nos leva a repensar se o que acreditamos é coerente com o que aceitamos como Verdade.

O gênero entrevista foi, de certa maneira, utilizado pelo homem com finalidades diversas, como: para a busca de informações, compreensão de determinada situação ou contexto, comunicação com outro(s) e/ou até mesmo para se autorreconhecer e se autoidentificar como sujeito de uma realidade que se expressa através das ações praticadas por toda uma vida.

Ao longo da história da humanidade, vários episódios aconteceram aos quais o diálogo constituiu seu império de comunicação oficial e sua insubstituibilidade. Por exemplo, podemos lembrar de fatos como o ocorrido na Antiga Grécia à cerca de 490 a.C.

Conta-se que nessa época um soldado ateniense chamado Pheidippides teria sido escalado para correr quarenta e dois quilômetros e cento e noventa e cinco metros da planície de Marathónas¹ até Atenas para narrar o que estava acontecendo no fronte de batalhas e buscar reforços na tentativa de conter uma invasão persa. Diz-se que chegando lá foi questionado pelo soberano ateniense de todo o acontecido e retornou com cerca de dez mil homens ao campo de batalha onde venceram a guerra. Após o triunfo, mais uma vez ele teve que

¹ É possível para o leitor ler na íntegra essa passagem que ilustramos aqui no sítio: http://www.assessorcor.com.br/noticias.aspx?A+HISTORIA+DA+MARATONA&__idNot=290

retornar de imediato a Atenas correndo para dar a grande notícia, conseguiu chegar e dizer apenas a palavra “vencemos” e caiu morto.

Outra memorável passagem histórica teria acontecido com Alexandre, o grande, que durante a preparação para invadir a Pérsia recebeu a notícia de que o filósofo Diógenes estava morando em Cráneo, subúrbio da cidade de Corinto². Admirador e pupilo de Aristóteles, Alexandre apreciava todas as formas de expressões humanas fossem elas de natureza artística, cultural e especialmente para o campo da Filosofia e da Ciência demonstrava maior interesse. Assim, sabendo da proximidade do filósofo, quis conhecê-lo, conversar e absorver dele o máximo de sabedoria para empregar em seus propósitos.

Diógenes estava num bosque de ciprestes quase nu e morando em um grande barril, pois, para dar preferência ao sossego e a paz de espírito havia feito voto de pobreza extrema. Ao se aproximar do filósofo, Alexandre, acompanhado de sua comitiva começou a interrogá-lo perguntando-lhe se sabia quem ele era e que possuía um exercito de milhares de homens prontos para lutar em seu nome.

O filósofo assim o respondeu: eu sou Diógenes e quantos aos homens não creio neles, pois há muito tempo não encontro um. Alexandre ao ser respondido daquela forma, ao invés de ficar irritado, disse em tom agraciado que estava contente pelas respostas daquele extraordinário homem que tanto haviam lhe falado e como compensação pela maravilhosa conversa concedeu ao filósofo que fizesse qualquer pedido que desejasse.

O filósofo, na sua profunda insatisfação com a proximidade de Alexandre disse-lhe: não ofereças o que não pode me dar apenas se afaste um pouco do barril para que eu possa tomar o Sol da manhã. Outra vez, Alexandre contagiado de alegria e satisfação disse olhando para sua comitiva: se eu não fosse Alexandre, gostaria de ser Diógenes.

Vemos na segunda passagem, o quanto uma entrevista pode alavancar o crescimento intelectual entre locutor(es) e interlocutor(es). Não podemos adotar uma atitude de indiferença ou superficialidade a esta atividade, visto que o encaminhamento de nossas ações perpassa pela esfera social, bem como nossa conduta nas relações com os outros e com o mundo a qual se caracteriza

² Esta outra passagem está disponível no sítio: http://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%B3genes_de_S%C3%ADnope

por uma perspectiva de ordem ideológica nessas relações. Assim, podemos nos perguntar: Quem é este que ao mesmo tempo em que dialoga com questões situacionais ou globais, busca discursivamente vantagens pessoais?

Bakhtin³ desenvolveu uma teoria da linguagem que toma como unidade de análise o enunciado dialógico. Em sua obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* ele afirma que “Toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica” (Bakhtin; Volochinov, 2010, p.126).

Dessa forma, quanto mais forem o autoritarismo e a firmeza ideológica presentes em um discurso que ocorre durante uma entrevista poder-se-ia enxergar o traço ideológico que o constitui. Para isso, deve-se verificar o quanto o contexto narrativo se esforça para desfazer a estrutura fechada do discurso de modo a absorvê-lo, apagando suas fronteiras e dando lugar à infiltração pelo interlocutor das réplicas em comentários do locutor no diálogo (Sepúlveda; El-Hani, 2003).

No bojo deste trabalho, apresentaremos ao leitor os resultados de uma discussão feita a partir de uma entrevista de caráter semi-estruturado que aplicamos a um docente da Universidade de São Paulo - USP. Esse profissional, além de ministrar aulas em disciplinas de tecnologia que utilizam ambientes virtuais de aprendizagem como suporte pedagógico no gerenciamento e execução das atividades, atualmente, assume também cargo de comando de uma equipe de especialistas que tem a responsabilidade de gerenciar e desenvolver grande parte dos ambientes virtuais da instituição.

Outro fator importante que vale ressaltar é a forma como analisaremos trechos da entrevista. Os esforços teóricos e metodológicos que propuseremos e implementaremos terão como ponto de partida a análise quantitativa dos dados na perspectiva de se alcançar uma vigilância crítica dos resultados. A partir da análise lexical (Minayo, 2006), fizemos um minucioso estudo da

3 Escritor, Linguista e Filósofo soviético nasceu em 1895 em Oriol numa família de antiga nobreza arruinada. Formou-se em História e Filologia em 1918. Dentre suas principais obras escreveu *O Freudismo* (1925), *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929) e *Os Problemas da Criação em Dostoiévski* (1929). Em 1946 defende, no Instituto de Literatura da Academia de Ciências da URSS, sua tese publicando-a em 1965 em Moscou com o título *Rabelais e a Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, morre dez anos após a publicação.

transcrição⁴ da entrevista e avançamos sistematicamente na direção da identificação e dimensão (trechos) dos enunciados proferidos em que se concentraria o foco da investigação.

Iniciaremos pela contagem das palavras pronunciadas e através de agrupamentos de palavras afins nos deteremos em classificar quais vocábulos expressam determinadas categorias. Eliminaremos da investigação palavras que apresentem pouco interesse até conseguir uma melhor representação do sentido completo da enunciação. As frequências das palavras em determinadas categorias permitem consolidar a identificação de um tema (Bakhtin; Volochinov, 2010, p.133), possibilitando situar o contexto das ideias trazidas pelas palavras. Para analisar os dados que tabularemos por meio do processo descrito acima, entendemos ser importante destacar e discutir as enunciações em que o discurso do entrevistado demonstre evidências mais concretas de suas ideias. Faremos isso, à luz do dialogismo bakhtiniano que passamos a discorrer agora.

DIALOGIA E POLIFONIA EM BAKHTIN

Os conceitos de dialogia e polifonia de Bakhtin podem ser entendidos a partir da leitura de sua obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Começaremos caracterizando o signo. Segundo o autor, deve-se primeiramente entender que “... tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (Bakhtin; Volochinov, 2010, p.31).

Nessa perspectiva o signo então passaria a possuir duas realidades: aquela que existe por si mesmo e outra de natureza simbólica que refletisse e refratasse uma determinada realidade que nem sempre seria fiel a ela, podendo por vezes distorcê-la ou aprendê-la de um ponto de vista específico (que é o papel da ideologia). Portanto, os domínios dos signos corresponderiam aos domínios do ideológico e onde encontrasse o signo, encontrar-se-ia o ideológico.

Segundo Bakhtin “tudo que é ideológico possui um valor semiótico.” (Bakhtin; Volochinov, 2010, p.33) e também que “o signo ideológico é o território comum, tanto do psiquismo quanto da ideologia; é um território concreto,

⁴ Utilizamos o software NVIVO para transcrever a gravação do áudio da entrevista.

sociológico e significante...” (Bakhtin; Volochinov, 2010, p.58). Desse modo, os signos ideológicos refletiriam a natureza ideológica da linguagem. Os signos que Bakhtin aborda, ou seja, a palavra, a fala, a língua, o texto etc. só poderiam surgir em um terreno de interindividualidades, sendo necessária a existência de sujeitos socialmente organizados dos quais estes constituiriam um grupo (auditório).

Em nosso estudo, faremos uma discussão que envolve signos ideológicos dentre eles destaca-se a palavra. Assim, sendo a palavra um signo ideológico, Bakhtin diz que ela se apresenta como se fosse uma arena onde se cruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. Segundo ele “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.” (Bakhtin; Volochinov, 2010, p.99), ela seria o produto da interação viva das forças sociais, a ligação entre as significações de um texto e as condições sócio-históricas indissolúveis desse texto.

Em *A Construção do Pensamento e da Linguagem*, Vigotski faz uma afirmação sobre o significado da palavra dizendo que “Ele é ao mesmo tempo linguagem e pensamento porque é uma unidade do pensamento verbalizado.” (Vigotski, 2010, p.10). Ele sintetiza que através do estudo da evolução, do funcionamento e do movimento dessa unidade, é possível aprender muito sobre a questão do pensamento e da linguagem e da natureza do pensamento verbalizado.

Bakhtin define que a enunciação (palavra, frase, texto etc.) só se realiza no curso da comunicação verbal (pensamento verbalizado) e destaca:

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2010, p.126)

Ele afirma que “... as unidades reais da cadeia verbal são as enunciações.” (Bakhtin; Volochinov, 2010, p.129). Dessa forma, Bakhtin traz a ideia de ter o enunciado como unidade de análise dos processos de interação verbal entre indivíduos e também da ininterrupção desses processos, ou seja, não ter começo e nem fim. Giordan (2008) corrobora argumentando que em uma determinada situação a construção de enunciados pressupõe estar

se originando de enunciados anteriores que os caracteriza como elos de uma cadeia enunciativa.

A externalização do enunciado (enunciado realizado) é comparada por Bakhtin como uma ilha que emerge de um oceano sem limites, ou seja, o discurso interno. Para ele, o signo e a ideologia são englobados por um conceito fundamental: o discurso. Portanto, todo signo quando compreendido e dotado de um sentido, não permanece isolado, ele vira parte da unidade da consciência verbalmente constituída, ou seja, ele se materializa.

Uma manifestação estritamente relacionada ao enunciado que se materializa no discurso de um locutor é a voz. O enunciado de um locutor é sempre endereçado a um interlocutor participante de um auditório. Conforme Giordan:

... então o enunciado é produzido no fluxo da comunicação verbal por uma voz, uma consciência falante que interage com outras vozes para as quais ele responde e suscita respostas. (GIORDAN, 2008, p. 68).

Para o autor, qualquer enunciação supõe alguma forma de contato entre duas ou mais vozes e, portanto, tem como partes essenciais a dialogia e a polifonia.

O processo de compreensão é uma das formas pelas quais se dá o contato entre duas ou mais vozes. Na concepção bakhtiniana ele é constituído no momento em que as enunciações do interlocutor contatam e confrontam as enunciações do locutor, ou seja, a cada palavra da enunciação do locutor, o interlocutor que está em processo de compreender, formula um conjunto de palavras próprias desenvolvendo uma contrapalavra. Então, pela concepção dialógica bakhtiniana, durante o processo de compreensão, a voz recebida de um discurso a ser compreendido nunca poderá ser completamente passiva.

Esta concepção dialógica do processo de compreensão se oferece como uma possível explicação para compreendermos um discurso de cunho especificamente técnico que enxergamos durante a entrevista que realizamos. Dessa forma, podemos também entender como a estrutura da enunciação é determinada pelo meio social mais amplo ou pela situação social mais imediata que obriga o discurso interno se realizar numa expressão exterior que o define.

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COMO INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

Optamos em aplicar uma entrevista centrada no problema, o termo “semi-estruturado” foi criado por Witzel (Witzel *apud* Mayring, 2002). Essa técnica congrega em torno de si todas as formas de entrevistas abertas e semi-estruturadas. Ela consiste numa preparação profunda do entrevistador sobre o tema que será discutido na entrevista e também na organização de um roteiro/guia que conduzirá todos os questionamentos sobre o(s) assunto(s) a ser(em) abordado(s) na entrevista.

O objetivo da técnica é deixar o entrevistado expressar-se da maneira mais livre possível, aproximando-se de uma conversa aberta centrada em uma determinada problemática introduzida pelo entrevistador e para a qual sempre retorna. Quando o entrevistado tem a oportunidade de responder livremente, sem alternativas de respostas pré-estabelecidas as vantagens são mais contundentes e leva o entrevistado a sentir-se valorizado. Mayring (2002) salienta que:

Embora o respondente seja direcionado, por meio de uma guia de entrevista, para determinadas perguntas, devem reagir as mesmas de maneira aberta, sem alternativas pré-estabelecidas. (MAYRING, 2002, p. 69).

Na busca em deixar o entrevistado valorizado, exato, honesto e aberto para com as nossas indagações, seguimos as dicas deixadas por Mayring que considera essencial que, as primeiras questões do roteiro/guia tenham características mais gerais, mais holísticas da temática e de sua relevância para o debate. Assim pode-se ter um melhor entendimento das concepções do entrevistado a respeito do tema.

Em seguida, passa-se às questões específicas sobre o assunto que se está sendo investigado e, finalmente, fecha-se com um apanhado geral de toda a comunicação revendo e esclarecendo alguns pontos que ficaram obscuros durante a entrevista. O roteiro/guia teve as seguintes questões:

1. No início do desenvolvimento da Educação a Distância - EaD, existiam (ou talvez ainda existam) certas desconfianças, pré-conceitos e também

temores dessa nova modalidade de ensino que nascia. Como o senhor acompanhou este processo? O senhor acha que houve dificuldades nesse processo? Como o senhor vê o temor de uma possível substituição do professor pelos meios tecnológicos? Quais os desafios que a EaD tem pela frente?

2. No tocante à Formação Continuada de Professores (Especialização, Mestrado e Doutorado) como o senhor enxerga o papel da EaD nesses cursos?
3. O programa Rede São Paulo de Formação Docente – REDEFOR oferece cursos de Especialização por meio da EaD. A Universidade de São Paulo está inserida no REDEFOR atualmente com seis cursos e está em seu segundo ano. Desde o início escolheu a plataforma MOODLE como mediadora das interações. Quais as principais vantagens que levaram à escolha do MOODLE em relação a outras plataformas?
4. Sobre o MOODLE, como o ambiente virtual tem se comportado durante esses quase dois anos em que está sendo utilizado? Quais dificuldades técnicas têm sido encontradas e que soluções foram tomadas?
5. O MOODLE tem sido modificado de maneira a facilitar a aprendizagem no REDEFOR-USP? Já ocorreram modificações (como a criação de novas ferramentas, por exemplo), quais foram as mais relevantes? Há outras em andamento?
6. Descreva em linhas gerais como é feito o apoio técnico, no que se refere a *help desk*, design instrucional e questões de organização das ações de apoio?
7. Como o senhor analisa os resultados globais obtidos até o momento, sob o ponto de vista operacional da utilização da plataforma MOODLE no REDEFOR-USP?
8. Onde vai parar a EaD na USP do ponto de vista de ambientes virtuais de aprendizagem, poderemos ter a criação de um Instituto de Mídias Digitais por exemplo?

As questões do roteiro/guia foram validadas por meio da colaboração de duas professoras: uma licenciada em Química e outra em Letras, ambas com mestrado na área de educação e cursando doutorado nessa mesma área. Todo

o rigor técnico em avaliar a autenticidade e a credibilidade das perguntas na perspectiva da compreensão e do conforto do entrevistado para suas colocações da forma mais clara possível foi depreendido pelas professoras-colaboradoras.

ANÁLISE DA ENTREVISTA

A entrevista teve duração de aproximadamente 46 minutos e um total de 4.387 palavras foram pronunciadas neste intervalo de tempo. Depois de transcrever todo o texto na íntegra, procuramos definir algumas categorias para as palavras que achamos relevantes ao estudo. Temos a consciência de que uma análise lexical não revelará todas as nuances de um discurso, mas, entendemos que ela é uma ótima ferramenta que pode auxiliar na perspectiva de identificar e clarificar quais enunciações do entrevistado⁵ carrega em si informações precisas para uma análise mais profunda.

A tabela apresentada na **Figura 1** a seguir mostra como foi feita a categorização das palavras que achamos relevantes ao estudo. Por exemplo, pensamos que a categoria criada “Processos educacionais” poderia nos dar a noção de como o entrevistado relaciona o ensino com a aprendizagem, assim, algumas conclusões poderiam ser elaboradas a partir de informações coletadas por essa categoria. Analogamente, continuamos com a criação das outras categorias que comporam o restante da tabela.

Outra preocupação que tivemos foi de verificar quantas vezes a palavra (em uso) foi dita em toda a entrevista (terceira coluna) e, a partir dessa informação, identificar e contar em outra coluna (quarta) a ocorrência dessa palavra na enunciação do entrevistado.

Passaremos agora a discutir a tabela, no entanto, vale ressaltar que, em relação à quantidade de enunciações, constatamos após análise da transcrição de toda a entrevista um total de 79 enunciações, dessas, 39 foram do entrevistado. Colocamos na tabela uma quinta coluna entendendo ser interessante saber qual(is) a(s) enunciação(ões) apareceu(ram) mais vezes a palavra expressada pelo entrevistado e em outra coluna (sexta) a frequência da palavra na(s) enunciação(ões).

⁵ O entrevistado será reconhecido nas transcrições por EH.

Análise de uma entrevista utilizando o método quantitativo, a atuação lexical e o referencial bakhtiniano como auxílio no entendimento de um discurso

CATEGORIAS	PALAVRAS	FREQUÊNCIA DA PALAVRA EM TODA A ENTREVISTA	FREQUÊNCIA DA PALAVRA NAS PALAVRAS DO ENTREVISTADO	ENUNCIÇÃO(ÕES) DO ENTREVISTADO EM QUE A PALAVRA MAIS AFERECE	FREQUÊNCIA EM QUE A PALAVRA APARECE NA ENUNCIÇÃO
PROCESSOS EDUCACIONAIS	ENSINO	11	11	E-02	5
	APRENDIZAGEM	5	4	E-08, E-22, E-28 e E-68	1
MODALIDADES EDUCACIONAIS	PRESENCIAL	5	4	E-02	4
	DISTANCIAVEAD	30	13	E-02	5
	ON-LINE	11	11	E-20	4
AGENTES EDUCACIONAIS	PROFESSOR(ES)	25	18	E-08	5
	ALUNO(S)	12	11	E-40	4
	TUTOR(ES)	10	10	E-08	4
	ESPECIALISTA(S)	8	7	E-08	3
TERMOS DE CUNHO SÓCIO-POLÍTICO	IDEOLOGICOS(AS)	5	5	E-02	4
	DEBATE(S)	7	7	E-02	4
	POLITICO(S)	1	1	E-02	1
TERMOS DE CUNHO TÉCNICO	MOODLE	37	26	E-28	9
				E-48	8
	TECNOLOGIA(S)	18	18	E-02	4
				E-04	4

Figura 1: Tabela descritiva das categorias criadas para o estudo.

Interpretando os dados da tabela, evidenciamos que das 14 palavras que elencamos como possível reflexo de uma análise discursiva, 7 palavras trazem como ponto em comum a culminância em torno de E-026, e 4 palavras estão com uma maior concentração em E-08. Somando esses resultados podemos extrair que 11 das 14 palavras elencadas estão com maior incidência nessas enunciações, que nos dá uma estimativa de 78,5 %. Este fator mostra, em nosso ponto de vista, que estas enunciações estão mais propícias a um estudo aprofundado em relação aos nossos objetivos de análise. Outra informação relevante é o fato de que as 4 primeiras categorias das 5 que estabelecemos para o estudo estão pulverizadas nessas duas enunciações. Vejamos a transcrição de E-02 e de E-08 (Figura 2):

6 E-02 (lê-se: Enunção dois) e assim, sucessivamente para as demais.

02	1:32,4 - 5:04,2	1 EH: Você tem razão sobre aquelas preocupações que tinham ou ainda têm sobre EaD. Ontem eu estava vendo 2 anotações antigas que eu fiz de uma palestra de 2005 na Faculdade de Educação, sobre educação se nota que houve 3 uma precipitação muito grande sobre respeito que EaD o que isso traria pra ou o temor talvez leva a uma 4 desvalorização da profissão professor. Essa é uma questão interessante mesmo mas antes disso a gente tem que falar 5 em 2005 ou 2006 houve um viés meio ideológico existiam os entusiasmados a favor de EaD, você era visto como 6 componente de um determinado viés político na educação, se você era contra você era de outro viés, então o debate 7 era muito ideológico e isso fez do debate muito pobre, porque muito mais sobre discutir como que ferramentas de 8 tecnologia podem melhorar o ensino, não ele discutem ideologias que sempre é um debate muito árido eu vejo, acho 9 que é consenso entre todos que agora essa divisão ideológica não existe mais tanto pelo menos. Agora quando você 10 fala uso de tecnologias de ensino a distância ensino online você não tem mais essas mesmas reações ideológicas. 11 Então, eu acho que o que aconteceu foi que as pessoas viram o que ensino a distância ensino online, de fato, é e isso 12 como qualquer ferramenta, ficou óbvio que a tecnologia quando aplicada de forma tal ou de outra forma, acho que 13 isso levou a um avanço do debate que agora discute como melhor aplicar as tecnologias, e não se é pra aplicar, acho 14 que isso é um avanço.
08	7:07,0 - 8:52,3	15 EH: Não, quando eu falo da decisão meio ideológico é verdade, mas continua tendo precisando deste debate, neste 16 debate qual é o papel de tutor, então eu tenho uma opinião sobre isto e acho que isso aí é mesmo uma pena, se a 17 gente vai substituir a figura do professor por um conjunto de especialistas e isso é o que vejo que está acontecendo. 18 Existe um determinado modelo de ensino online que prevê uma grande equipe e cada um com sua especialidade, 19 você tem por exemplo o professor autor que é responsável pela confecção do conteúdo, se tem o tutor, se tem o 20 especialista em design instrucional, se tem o especialista em ambientes virtuais de aprendizagem. Este modelo que 21 prevê grande equipe que colabora pra construir ambientes educacionais no fim não é ruim, mas esse modelo, eu 22 acredito, deve incluir ainda a figura de um professor, um professor que acompanha os alunos, que faz a mediação 23 entre o material didático e os alunos, que propõe atividades e a gente não pode deixar de ter esta figura porque 24 achamos que já temos os tutores. Tutor não é professor.

Figura 2: Transcrições das Enunciações: dois (E-02) e oito (E-08).

As enunciações E-02 e E-08 se complementam e trazem em seu bojo as respostas para a primeira questão do roteiro/guia da entrevista. É uma questão aberta que faz com que o entrevistado fuja de um discurso mais técnico, centrado e fechado sobre o tema da entrevista e o estimula a encontrar subsídios que garantam seus posicionamentos. É nesse momento, que se observa o povoamento de vozes (polifonia) acontecendo dentro do discurso exteriorizado conforme Bakhtin sinaliza.

Um exemplo de polifonia no discurso do entrevistado pode ser vistos no trecho extraído das linhas 2, 3 e 4 de E-02 “... houve uma precipitação muito grande sobre respeito que EaD o que isso traria pra ou o temor talvez leva a uma desvalorização da profissão professor.” observa-se aqui o aparecimento da voz de grupos que tinham posições contraditórias à modalidade EaD.

Nas linhas 5, 6, e 7 encontramos o trecho “em 2005 ou 2006 houve um viés meio ideológico existiam os entusiasmados a favor de EaD, você era visto como componente de um determinado viés político na educação, se você era contra você era de outro viés, então o debate era muito ideológico e isso fez do debate muito pobre”.

Nesse fragmento observamos que o discurso ganha ares ideológicos onde o entrevistado deixa nas entrelinhas seus incontentamentos sócio-políticos, isto vem ancorar ao que Bakhtin afirma quando diz que ainda que não haja um

Análise de uma entrevista utilizando o método quantitativo, a atuação lexical e o referencial bakhtiniano como auxílio no entendimento de um discurso

interlocutor real, a expressão de um indivíduo sempre se dirige a um auditório social próprio bem estabelecido (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2010).

Nas linhas 16 e 17 de E-08 destacamos o trecho “... e acho que isso aí é mesmo uma pena, se a gente vai substituir a figura do professor por um conjunto de especialistas e isso é o que vejo que está acontecendo.”, vemos na fala do entrevistado que apesar de ser um entusiasta do uso da tecnologia no processo de ensino e aprendizagem, ele também é professor e tem sua preocupação voltada para esta situação.

Mais adiante, encontramos nas linhas 23 e 24 dessa mesma enunciação uma voz que advoga em favor do professor “a gente não pode deixar de ter esta figura porque achamos que já temos os tutores. Tutor não é professor.”, é bem claro nessa passagem as vozes daqueles que defendem a ideia de que o professor sempre será uma figura insubstituível no processo educacional.

Na categoria em que denominamos “Termos de cunho técnico” fomos surpreendidos com alta frequência da palavra “tecnologia(s)” ocorrida em E-02 e também em E-04 visto que estas enunciações ainda estão atreladas a primeira questão da guia.

A palavra MOODLE teve uma altíssima frequência nas enunciações E-28 e E-48 pelo entrevistado (**Figura 3**). Essas enunciações trazem consigo um discurso técnico conciso e bem elaborado ao qual percebemos na interpretação qualitativa do discurso, a diminuição do grau de polifonia na fala do entrevistado. Vejamos as transcrições:

28	20:27,8 - 21:34,2	25 EH: O TDIA tem esta mesma vantagem, SAKAI, né, TDIA/SAKAI poderia ser usado desse ponto de vista. Outra 26 vantagem que o MOODLE tem é que é uma plataforma muito usada nas escolas brasileiras, nas faculdades e 27 escolas brasileiras, então quando se oferece um curso para professores, há um grande chance que eles ou já 28 conhecem ou que eles vão poder usar experiência usando esse ambiente virtual de aprendizagem usando o 29 MOODLE elas vão poder levar a experiência deles depois que o curso terminou por causa do fato que o MOODLE 30 esta em toda parte do Brasil é uma outra vantagem, outra como eu já falei, o MOODLE é um sistema que tem uma 31 grande divulgação internacional, existe uma grande comunidade de desenvolvedores envolta do MOODLE que faz 32 do sistema bem atualizado, seguro e existe uma grande quantidade de plugins de extensões do MOODLE ele é feito 33 como uma arquitetura de extensões, isso pode incorporar na sua instância do MOODLE e a gente fez isso para 34 várias necessidades que tivemos, usamos plugins que não vem no MOODLE padrão mas a gente conseguiu atender 35 as demandas usando essa grande biblioteca de plugins que existe pra MOODLE é um diferencial em relação ao 36 TELEDUC ou SAKAI que são dois sistemas de código aberto também
48	31:03,6 - 32:09,5	37 EH: Em andamento, bem, agora o MOODLE do REDEFOR a gente não está mais trabalhando no desenvolvimento 38 dele, porque a gente tá querendo aposentar este MOODLE, mas a gente vai controlar MOODLE da REDEFOR, 39 mas o nosso foco de desenvolvimento está focado para o novo MOODLE 2.2 ou 2.3 e este MOODLE usamos pra 40 licenciatura em Ciências, pra MOODLE do Stoa e vamos usar pra MOODLE de extensão e vamos usar pra o novo 41 MOODLE da REDEFOR. Mas o nosso trabalho é aquele que eu descrevi, fazer pequenas customizações, instalação 42 de plugins que as pessoas pedem e a integração com os sistemas da USP é o tipo de desenvolvimento que a gente faz.

Figura 3: Transcrições das Enunciações: vinte e oito (E-28) e quarenta e oito (E-48).

Verificando as linhas 25 e 26 de E-28, temos o trecho “Outra vantagem que o MOODLE tem é que é uma plataforma muito usada nas escolas brasileiras, nas faculdades...” indicando o diálogo com outras vozes, ou seja, o entrevistado faz uso de informações que foram repassadas a ele por outro interlocutor. Em E-48 encontramos um discurso puramente técnico e não conseguimos enxergar, nesse momento, a existência de outras vozes povoando o discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da famosa frase de Pitágoras “Os números governam o mundo” discorremos neste artigo sobre o quanto uma abordagem quantitativa associada a teorias pode auxiliar o entendimento aprofundado de um discurso. Iniciamos o artigo com algumas passagens históricas sobre a importância e a insubstituibilidade do diálogo. Agora, justificaremos por meio de um exemplo, como o raciocínio matemático, metódico e simples pode se fazer presente na análise de uma entrevista. Para isso, vejamos uma passagem das proezas de Beremiz Samir narradas por Malba Tahan em um dos capítulos do livro *O Homem que Calculava*.

Segundo o autor, Beremiz, o homem que calculava, teria resolvido mais um dos muitos problemas que resolve nesse livro por meio de prodigiosos recursos de cálculo (raciocínio lógico) aplicados numa entrevista. O problema foi trazido por um poderoso califa: Consistia em encontrar entre cinco escravas enfileiradas e totalmente vestidas por burcas (que nem os olhos eram capazes de serem vistos), quais das escravas tinham os olhos azuis e quais tinham os olhos negros.

Para resolver o enigma, o calculista poderia interrogar das cinco escravas apenas três, com uma pergunta para cada. Havia uma preciosa informação: duas das escravas teriam os olhos negros e ao serem interrogadas fariam sempre a verdade enquanto as três restantes teriam olhos azuis e mentiriam invariavelmente.

Para elucidar o enigma, Beremiz perguntou à primeira escrava da fila: qual a cor dos teus olhos? A essa pergunta, matematicamente, só uma resposta poderia ser enunciada pela escrava: os meus olhos são negros.

A resposta foi proferida em dialeto chinês e não entendida pelo entrevistador, mas esse detalhe não teria importância. Para a segunda escrava da fila perguntou: qual foi a resposta que sua companheira acabou de proferir? Esta respondeu: os meus olhos são azuis.

Logo, o calculista presumiu que essa mentia, pois, a primeira escrava jamais poderia pronunciar esta resposta. Para a terceira escrava da fila perguntou: de que cor são os olhos das duas jovens que acabei de interrogar? Ela respondeu: a primeira tem olhos negros e a segunda tem olhos azuis.

Com a resposta enunciada pela terceira escrava, Beremiz pode perceber que esta falava a verdade e concluiu com todo rigor matemático que primeira e terceira escravas da fila tinham olhos negros e as demais tinham olhos azuis.

Este episódio nos mostra o quão importante são as perguntas na busca do entendimento de determinada(s) situação(ões). Em nosso estudo demos valor significativo às perguntas atribuindo à validação do roteiro/guia da entrevista um dos papéis cruciais para o alcance dos nossos objetivos.

Para investigar as transcrições encontramos na atuação lexical (Viegas; Oliveira, 2008) uma maneira de identificar por onde o entrevistado esboça e externa suas crenças e valores sobre determinados assuntos em que suas posições divergem ou convergem a um ponto de certeza.

A criação de categorias para classificar as palavras nos fez enxergar onde estaria o foco da investigação, ou seja, onde deveria ser analisado. A mesma transcrição dessa entrevista poderia ser investigada em outros estudos com outros objetivos. Para isso, caso o investigador escolhesse o método que introduzimos, bastaria criar categorias para classificar as palavras de acordo com o foco de sua pesquisa.

A principal contribuição trazida pelo artigo para a análise de discursos por meio do gênero entrevistas foi o método que introduzimos, ou seja, uma combinação de métodos e teorias que podem auxiliar em determinados tipos de análises, com potencial de se tornar um considerável campo de pesquisa a ser explorado. Nossa perspectiva é que a utilização desse instrumental para investigações dessa natureza tenha desdobramentos em estudos posteriores em que se fizerem necessários a combinação de métodos e teorias.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

GIORDAN, M. **Computadores e Linguagens nas Aulas de Ciências: Uma Perspectiva Sociocultural para Compreender a Construção de Significados**. Ijuí: Editora Unijuí, 2008.

MAYRING, P. **Introdução à pesquisa social qualitativa: Uma introdução para pensar qualitativamente**. 5ª Ed. Weinheim: Beltz, 2002.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 9ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

SEPULVEDA, C.; EL HANI, C. N. Estratégias de apropriação do discurso científico por alunos protestantes do curso de licenciatura em Ciências Biológicas. In: MORTIMER, E. F.; SMOLKA, A. C. (org). **ENCONTRO INTERNACIONAL LINGUAGEM, COGNIÇÃO E CULTURA**, 2., 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, julho 2003.

TAHAN, M. (Júlio Cesar de Mello e Souza) **O homem que calculava**. 55ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

VIEGAS, M. C.; OLIVEIRA, A. J. Apagamento da vogal átona final em Itaúna/MG e atuação lexical: **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 2, p. 119-138, jul./dez. 2008.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.